

**AS IMAGENS DE CONTROLE E A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE
FEMININA NEGRA EM *CARTAS PARA A MINHA MÃE*, DE TERESA
CÁRDENAS**

**CONTROLLING IMAGES AND THE CONSTITUTION OF BLACK FEMALE
IDENTITY IN *LETTERS TO MY MOTHER*, BY TERESA CÁRDENAS**

Fabiola Jerônimo Duarte de Lira¹

RESUMO

O presente artigo consiste em um estudo acerca da construção da identidade feminina no livro *Cartas para minha mãe*, de autoria de Teresa Cárdenas. Para tanto, definiu-se como objetivo analisar como a identidade feminina negra é construída ao longo do livro, enfatizando como esta perpassa e transpõe opressões racistas implementadas por meio do próprio contexto familiar e que, na maioria das vezes, são perpetuadas entre as gerações. Concernente à categoria de análise, utilizou-se o conceito de imagem de controle formulado por Patricia Hill Collins (2009) e que serve para entender como significados são atribuídos às vidas de mulheres negras, principalmente pelo controle de comportamentos e a partir da superioridade racial (Bueno, 2020). Como resultado, percebe-se que a identidade feminina ao longo do livro é constituída por duas formas distintas, visto que, enquanto a personagem da avó tem sua identidade perpassada pelos reflexos do racismo internalizado e dos diversos estereótipos perpetuados pelas imagens de controle, servindo como um corpo moldado e fragilizado pelos ideais da branquitude, a personagem da órfã, uma jovem em construção, apresenta uma identidade assertiva em relação à própria raça, reconhecendo-se como uma mulher negra cuja identidade emerge a partir do seu olhar subjetivo sobre si e o seu entorno.

PALAVRAS-CHAVE: identidade; imagem de controle; raça.

ABSTRACT

This article consists of a study on the construction of female identity in the book "Letters to My Mother," written by Teresa Cárdenas. To this end, the objective was to analyze how black female identity is constructed throughout the book, emphasizing how it permeates and transcends racist oppressions implemented through the family context itself and which, in most cases, are perpetuated between generations. To this end, we used as a category of analysis the concept of controlling image formulated by Patricia Hill Collins (2009) and which serves to understand how meanings are attributed to the lives of black women, mainly through the control of behaviors and based on racial

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Linguística (Proling), Universidade Federal da Paraíba/UFPB. Email: fabiollla-mf@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3825782536284216>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5831-143X>.

superiority (Bueno, 2020). As a result, it is clear that the female identity throughout the book is constituted by two distinct forms, since, while the grandmother's character has her identity permeated by the reflections of internalized racism and the various stereotypes perpetuated by controlling images, serving as a body molded and weakened by the ideals of whiteness, the orphan character, a young woman in construction, presents an assertive identity in relation to her own race, recognizing herself as a black woman whose identity emerges from her subjective view of herself and her surroundings.

KEYWORDS: identity; image of control; race.

Introdução

Na concepção de Souza (2012, p. 68), o escravagismo utilizou como uma das estratégias de contenção das resistências, o “inculcamento de sentimentos de inferioridade entre os negros, estimulando ideologias ruins de si próprios e da cultura africana”. Insistir em reduzi-los a seus traços físicos e expô-los como seres animalizados (Hall, 2016) configura uma estratégia de torná-los não somente selvagens, como também inumanos.

O caráter inumano e objetificado de corpos negros colaborou para que as mulheres negras fossem consideradas como reprodutoras desmedidas (Bueno, 2020), bem como mulheres más, que [...] “são prostitutas que veem sua sexualidade apenas como mercadoria a ser trocada por dinheiro vivo” (hooks, 2019, p. 166) e cuja promiscuidade sexual faria com que tais mulheres fossem abertas “às atenções sexuais dos homens brancos” (Davis, 2016, p. 179).

Contrariando toda essa construção em torno da mulher negra, o feminismo negro insurge como uma estratégia de resistência de mulheres negras que reconhecem que o valor da mulher advém, sobretudo, pela liberdade pessoal e do desvencilhar do controle patriarcal sobre a consciência feminina (hooks, 2024). Ademais, a “experiência de mulheres negras tem relevância na construção de uma possibilidade teórica crítica quando refletimos a localização social desse grupo e a forma com que esse informa o conhecimento produzido pelas mesmas” (Bueno, 2020, p. 28), uma vez que, ambos dizem muito acerca de como se constrói uma identidade em um universo no qual ideologias dominantes são alimentadas por meio “[...] das opressões intersectadas de raça, gênero, classe e sexualidade” (Bueno, 2020, p. 40).

Logo, ao compreender que a identidade não é pré-formada, mas performada pelo meio social no qual o sujeito está inserido (Pennycook, 2016) e que, como um corpo objetificado, não somente a realidade, a sua história, mas a própria identidade das mulheres negras sempre foram constituídas por outros (Collins, 2019), neste estudo objetivamos analisar como a identidade feminina negra é construída ao longo do livro “*Cartas para minha mãe*”, de autoria de Teresa Cárdenas, enfatizando como esta perpassa e transpõe opressões racistas implementadas por meio do próprio contexto familiar e que, na maioria das vezes, são perpetuadas entre as gerações. Para tanto, utilizamos como categoria de análise o conceito de imagem de controle formulado por Patricia Hill Collins (2009) e que serve para entender como significados são atribuídos às vidas de mulheres negras, principalmente pelo controle de comportamentos a partir da superioridade racial (Bueno, 2020).

A escolha do livro como corpus para estudo consiste no fato de que é reconhecido que a literatura representa as mulheres negras de modo pejorativo, alargando as diferenças (Evaristo, 2005, p. 53). Então, ao perceber que o livro selecionado é composto por uma personagem negra que apresenta uma autoafirmação sobre a sua cor e seus traços físicos, ao passo em que a avó, também negra, configura-se como uma personagem imbuída por um racismo internalizado, demonstrando, assim, uma personalidade fragmentada, sobretudo pela influência das imagens de controle da *mammy*, matriarca e da Jezebel, pensar a construção das identidades de ambas é essencial para ratificar a importância de resistir às imagens de controle e refletir os impactos das visões colonialistas na identidade feminina negra.

Como resultado das análises, percebe-se que a identidade feminina ao longo do livro é constituída por duas formas distintas, visto que, enquanto a personagem da avó tem sua identidade perpassada pelos reflexos do racismo internalizado e dos diversos estereótipos perpetuados pelas imagens de controle, servindo como um corpo moldado e fragilizado pelos ideais da branquitude, a personagem da órfã, uma jovem em construção, apresenta uma identidade assertiva em relação à própria raça, reconhecendo-se como uma mulher negra cuja identidade emerge a partir do seu olhar subjetivo sobre si e o seu entorno.

Portanto, enquanto a personagem da avó apresenta em sua identidade alicerçada pelos preceitos que a branquitude almeja manter ao longo das gerações de mulheres

negras, a personagem da órfã descontrói este objetivo, por meio de ações que marcam uma identidade que resiste a continuidade do desejo da branquitude em permanecer dizimando identidades e alargando desigualdades.

Breve descrição do conceito de imagens controle

O conceito de imagem de controle, formulado por Patricia Hill Collins, tem como berço o feminismo negro e busca expor como o racismo e o sexismo agem conjuntamente para que as mulheres negras permaneçam sob uma constante subjugação e rotulação social. As imagens de controle, assim, “são baseadas em estereótipos articulados a partir das categorias de raça e sexualidade, sendo manipulados para conferirem às iniquidades sociorraciais a aparência de naturalidade e inevitabilidade” (Bueno, 2020, p. 73).

Logo, pensar como as imagens de controle agem em relação às mulheres negras pode auxiliar na compreensão acerca de como esse grupo oprimido enxergar a própria realidade, ao mesmo tempo em que desarticula concepções ideológicas pautadas no período escravagistas e que são propagadas no meio social para inviabilizar a assertividade das mulheres negras (Collins, 2019; Bueno, 2020).

Segundo Collins (2019), há quatro imagens de controle disseminadas no meio social, são elas: a *mammy*, a matriarca, a *welfare mother* e a Jezebel. Dessas quatro imagens de controle, iremos utilizar, em nossas análises, as imagens da *mammy*, matriarca e a Jezebel, posto que são estas três as que são explicitamente articuladas em relação às identidades das duas personagens analisadas na obra em estudo.

No livro, “O pensamento feminista negro”, Collins (2019) pondera que as mulheres negras são sacramentadas no imaginário popular como a “*mammy* e a mãe má”. Sacramentar as mulheres negras nesses dois papéis foi um meio encontrado para manter as mulheres negras como mulheres que não são “de verdade”, além de colocá-las em uma condição de “mulas domésticas”. A junção da feminilidade da mulher negra com a concepção do “serviçal fiel e obediente” serviram para justificar a exploração econômica da mulher negra como a escrava doméstica (Collins, 2019, p. 140) e criar a primeira e mais antiga imagem de controle, a *mammy*.

O termo *mammy* “designava as mulheres negras que se incumbiam das crianças, provendo-lhes todo o cuidado de saúde, higiene e alimentação e, eventualmente,

realizando outras tarefas da casa” (Davis, 2016, p. 43). Na concepção de Collins (2019), a imagem de controle da *mammy* é utilizada pela branquitude para cumprir três principais propósitos: operar para que as mulheres negras assumam a condição de submissão; funcionar como símbolo para a manutenção de opressões, tanto de gênero quanto da sexualidade; e favorecer o culto da verdadeira feminilidade, mostrando a mulher negra como assexuada e, na maioria dos casos, destituída da própria família.

Quando as *mammys* constroem suas famílias, “as ideologias dominantes sugerem que as crianças negras não recebem a mesma atenção e o mesmo cuidado que supostamente é dedicado às crianças brancas de classe média” (Collins, 2019, p. 147). As demandas do trabalho e a própria inoperância como mães, atribuídas às mulheres negras, produziria filhos violentos e violadores dos princípios morais.

A imagem de controle da *mammy*, dessa forma, ganha uma dimensão ainda mais ampla quando associada à imagem de controle da matriarca, dado que, enquanto a primeira representa uma mãe negra inserida em uma família branca, ou seja, cria os filhos daqueles que aparentemente estão perpassados pelos padrões morais da sociedade, a matriarca seria a mãe negra agindo dentro do próprio seio familiar (Collins, 2019).

Portanto, a matriarca, como uma mulher forte e castradora, seria a *mammy* fracassada, visto que, por trabalhar fora de casa, não educaria adequadamente a própria prole. Relacionar às mulheres negras à imagem da matriarca é mantê-las como mulheres insubmissas ao patriarcado e que por isso são “abandonadas pelos parceiros, acabam na pobreza e são estigmatizadas como não femininas” (Collins, 2019, p. 148).

Outro aspecto atribuído às mulheres negras por intermédio da imagem de controle da matriarca é a culpa pela “precariedade do acesso às condições básicas de cidadania para a população negra, sobretudo para mulheres negras” (Bueno, 2020, p. 94). Seriam também os estereótipos resultantes da imagem de controle da matriarca os principais responsáveis pela manutenção da mulher negra como desprovida de feminilidade.

Além disso, a imagem de controle da *mammy* e da matriarca também estão vinculadas pela concepção de que as matriarcas, isto é, as mulheres fortes dos lares negros são as *mammys* que trabalham para a criação dos filhos dos brancos e os criam com amorosidade, enquanto os filhos destas seriam acostumados a total ausência da

mãe e ao posicionamento opressor que estas adotam em seus lares. Dessa forma, a imagem de controle da matriarca exclui as mães negras de exercerem a maternidade, dado que estas teriam uma conduta desastrosa neste papel (Collins, 2019; Bueno, 2020).

A terceira imagem de controle destacada nesta pesquisa é a da mulher negra como a Jezebel. Esta imagem de controle utiliza-se da sexualidade de mulheres negras para a manutenção de estereótipos baseados no caráter reprodutivo associado às mulheres negras e explorado no período escravocrata, quando elas foram reduzidas à quantidade de escravizados que poderiam gerar. “Elas eram “reprodutoras” – animais cujo valor monetário podia ser calculado com precisão a partir de sua capacidade de se multiplicar” (Davis, 2016, p. 27).

A atribuição da promiscuidade sexual às mulheres negra naturaliza agressões em relação ao corpo e a sexualidade delas, ao mesmo tempo em que influenciam percepções que tanto moldam a identidade da mulher negra, assim como as percepções que as pessoas têm em relação a elas. Desse modo, as imagens de controle “apresentam um potencial importante para refletir como os sistemas criam figuras de perversão do direito para justificar suas ações” (Bueno, 2020, p. 115).

Desarticular imagens de controle e explicar como estas atuam no meio social, assim, é reafirmar um ativismo proposto pelo feminismo negro, bem como, é um caminho para resistir às agressões constantes sobre as mulheres negra, principalmente por meio da construção de uma identidade aquém dos estereótipos e através da qual as mulheres negras possam retomar a própria voz e construir uma ressignificação, até mesmo, da autoimagem.

O agir das imagens de controle na constituição da identidade da mulher em “cartas para minha mãe”

A obra “*Cartas para minha mãe*”, escrita por Teresa Cárdenas, apresenta um compilado de 44 cartas escritas por uma jovem órfã negra à mãe já falecida, no período que vai dos 10 anos de idade até os 15 anos. Nas cartas, a personagem principal narra os momentos que vivencia durante a convivência com a avó, tia e primas. Essa convivência é marcada por insistentes agressões sobre a personagem principal, ou seja, a órfã², que ocorrem por intermédio de um núcleo familiar no qual, ao invés de ser

² A personagem é nomeada assim, pois em nenhum momento ao longo do livro há menção ao seu verdadeiro nome.

amada e tratada com zelo, sobretudo devido à perda precoce da mãe e a ausência do pai, a personagem é rodeada por xingamentos e expressões negativas sobre sua aparência física e comportamento, principalmente por parte da avó.

O contexto do livro, assim, aponta que há uma jovem negra em processo de construção da sua identidade, mas o seu entorno, através das pessoas com as quais convive não coopera para que ela tenha uma visão positiva sobre si mesma, bem como sobre sua raça, dado que a sua autoafirmação é a todo tempo contraposta por mulheres que também são negras e que, ao contrário da personagem, apresentam um negativismo sobre a própria cor que é articulado por meio de insistentes estereótipos sobre mulheres negras, evidenciando que tais estereótipos resultam de imagens de controle que “operam de maneira tão profunda que constantemente sequestram de mulheres negras processos íntimos de autoconstrução” (Bueno, 2020, p. 44-45).

Pensando a influência de concepções advindas do racismo e sexismo na construção da identidade da mulher negra, logo no início do livro, a órfã descreve o momento no qual a avó afirma que é preciso “[...] apurar a raça. Que o melhor que poderia acontecer com a gente é casar com um branco” (Cárdenas, 2018, p. 12). A afirmação feita pela personagem da avó intensifica “uma ferida coletiva, pois relembram relações históricas entre senhores e escravas” (Collins, 2019, p. 274). Assim, além de se configurar como um comportamento baseado na imagem de controle da Jezebel, ou melhor, a mulher negra como aquela que não se contenta em manter relações sexuais apenas com os seus iguais, e que por isso “apacava-se com a conjunção carnal com homens brancos” (Bueno, 2020, p. 112), também posiciona a mulher negra como aquela que usa do próprio corpo para alcançar algum objetivo, por isso a predileção por homens brancos, posto que por meio destes elas poderiam usufruir de vantagens, a exemplo, a miscigenação.

A fala da avó colabora para que a mulher negra seja vista também como predadoras sexuais de homens brancos e tenham suas subjetividades negadas (Bueno, 2020), posto que ratifica uma identidade subtraída por concepções negativas sobre a cor da própria pele, já que o racismo internalizado leva muitas pessoas negras a enxergarem o mundo exclusivamente pelas lentes da supremacia branca (hooks, 2019), fato que as impedem de pensar a raça a partir das próprias convicções.

Ademais, em relação aos homens que são negros, há o duplo discurso de que somente um homem branco poderia embranquecer a raça, ou melhor, seria por meio do casamento com um homem branco que adviria a possibilidade de miscigenar e clarear a pele, eximindo-a de perpetuar e vivenciar as desigualdades e opressões resultantes da cor considerada a da escravidão, acrescido ao discurso de que os homens negros não seria realmente homens, uma vez que a infantilização destes, ao longo do período escravagistas (hooks, 2019; Bueno, 2020), os destituiu do direito de ocuparem o lugar de chefes de família (Davis, 2016).

A personagem da avó, além da imagem da Jezebel, apresenta uma identidade perpassada pelos reflexos da imagem de controle da *mammy*, a mulher negra não apenas submissa e explorável (Bueno, 2020), mas a serva fiel aos brancos. Aquela que apresenta uma subordinação perpetua às famílias brancas (Bueno, 2020), tanto que, mesmo com uma certa idade, é descrito que “ela quer trabalhar como empregada na casa de uma família branca. E embora titia proteste, dizendo que isso é coisa do passado, ela insiste que não sabe fazer outra coisa” (Cárdenas, 2018, p. 12).

Nesta fala, a identidade da mulher negra é transmutada pela avó como aquela que não saberia viver sem estar inserida na cozinha de uma família branca, dado que além de sentir-se feliz em poder servir, esta seria a única função na qual uma mulher negra teria êxito e para a qual é treinada desde a infância (Collins, 2019), criando uma submissão naturalizada que é transmitida ao longo das gerações de mulheres negras.

Por isso, no trecho “vovó está brava comigo. Quer que eu lave a roupa da casa onde ela trabalha. Diz que assim aprendo a fazer coisa útil e ajudo com o dinheiro que ganhar. Já falou com eles e tudo” (Cárdenas, p. 2018, p. 25), observa-se que o trabalho de uma criança negra não é algo considerado como exploração pela branquitude, pois este trabalho é comum desde a escravidão, quando crianças negras trabalhavam igualmente aos adultos e eram tratadas como animais (Davis, 2016; Souza, 2012).

A identidade da mulher negra como a serva obediente e abnegada invisibiliza a exploração de mulheres negras mascarada pela suposta generosidade em manter pessoas negras integradas às famílias brancas e sustenta a falácia de que tais mulheres seriam como membros da família. Diante disso, ainda neste sentido, em outro momento do livro, a atuação da personagem da avó demonstra uma verdadeira devoção desta para com a família branca para a qual trabalha, a ponto de a personagem não reconhecer que

é explorada, tanto que “cozinha, lava, passa e tudo mais que aparece para fazer na casa deles. Se mata de tanto trabalhar, mas não reclama, pelo contrário, fala maravilhas deles, embora lhe paguem um tiquinho de nada”. (Cárdenas, 2018, p. 21).

A atitude da avó aparece como tão embebecida pela dominação da branquitude, que ela se tornou, de fato, um objeto. Ela não possui uma subjetividade que a leve a compreender que além de ser explorada, alimenta-se do aparente amor que receberia da família que a explora de diversas maneiras e que continuará fazendo isso com as demais gerações que passarem pelas cozinhas de suas casas. O consentir da exploração seria, assim, a mercadoria de troca para que não deixe de ser aceita em uma família de brancos, demonstrando uma amorosidade à família para a qual trabalha, em oposição ao negar do amor e proteção à neta.

Afora o estereótipo da mulher negra que se nutre do afeto da branquitude, também há, através da fala da avó, uma identidade calcada no estereótipo da mulher negra que viveria em uma condição precária, assim como a família, por não aceitar a ajuda dos brancos, isto, uma identidade formulada por meio da imagem de controle da matriarca. Neste caso, a neta seria uma mulher negra que está negando a oportunidade de trabalho oferecida e que, consequentemente, por não trabalhar, seria culpada pela própria condição de pobreza na qual está imersa. Um estereótipo que culpabiliza as mulheres negras pelas desigualdades sociais que atingem tanto mulheres negras, quanto homens negros (Bueno, 2020). Este estereótipo é reforçado quando a personagem da órfã afirma que:

Não quero. Não quero ser doméstica. Mas ela insiste e não me deixa em paz. Ainda bem que tia falou com ela, assim ela parou de me amolar tanto. Agora tenho que fazer a limpeza e cozinhar. É uma forma de ganhar a comida que elas me dão. É o que tia diz. Mas acho que é a mesmas coisas que se trabalhasse para “os senhores” (Cárdenas, 2018, p. 25).

Ao negar ter seu trabalho explorado, a personagem demonstra a convicção de que além de não querer ser explorada, ela não quer dar continuidade a condição de doméstica, isto é, a principal forma de explorar o trabalho das mulheres negras (Collins, 2019). No entanto, embora a órfã não queira servir aos brancos, ela vivencia dentro da casa na qual mora a opressão de ter que trabalhar para ganhar o mínimo para a sua subsistência, que seria a comida. E esse mínimo, para o opressor, neste caso, a avó e a

tia, ainda vale mais do que o trabalho executado pelo oprimido. Quando o limpar e cozinhar não são reconhecidos como forma de trabalho, e sim como uma mercadoria de troca pelo direito de alimentar-se, aniquila-se o direito de as mulheres negras terem seu trabalho reconhecido e as coloca na condição de “animais”, aos quais cargas excessivas de trabalho podem ser demandadas (Davis, 2016; Collins, 2019).

Pensar as mulheres negras ainda como animais aptos para o trabalho árduo é uma concepção calcada por meio estereótipos pejorativos sobre os aspectos tanto sexuais, quanto físicos de tais mulheres e que são resultantes da imagem de controle da Jezebel. À vista disso, quando a personagem principal demonstra preocupação para com a saúde da prima que se encontra doente, a avó diz: “Cale essa boca, beijuda! Parece uma árvore de mau-agouro³”.

A associação da personagem a um pássaro que traria o mal, assim como a forma pejorativa de chamá-la de beijuda, é mais um meio de retomar o estereótipo da mulher negra como detentora de traços animais, negando a sua humanidade e transformando-as em “corpos animalizados” (Cardoso, 2014, p. 974). A animalização de tais corpos reduz as mulheres negras às suas características físicas, tais como lábios grossos, cabelo crespo, rosto e nariz largos e assim por diante” (Hall, 2016, p. 174), além de atacá-las pelos traços sob os quais desenvolvem sentimentos conflitantes (Collins, 2019).

Quando a avó demonstra uma identidade que considera feias as próprias características físicas, a órfã, por meio dos seus traços físicos, ao invés de sentir-se oprimida, declara que “algumas pessoas não sabem ser negras. Tenho pena delas” (Cárdenas, 2018, p. 16). Diferente da avó que vive para agradar aos preceitos da branquitude, a órfã considera a cor de sua pele como sendo bonita, por isso não gosta que digam que “negros têm nariz achatado e beição[...]” (Cárdenas, 2018, p. 15) e reconhece que, “[...] se Deus existe, com certeza está furioso por vir tanta gente criticando sua obra” (Cárdenas, 2018, p. 15).

A importância de a personagem manter uma visão positiva sobre si e a raça à qual pertence aponta que ela não somente faz parte de uma geração de mulheres negras que dia após dia caminha para uma autoconstrução da identidade, mas que também se reconhece como detentora de traços que são belos e que não precisam ser iguais aos da

³ Pássaro cuja presença é um presságio de desgraça.

branquitude para serem valorizados. Ao contrário da órfã, a avó, assim como as primas, insistem em tanto absorver os preceitos da branquitude, como se assemelharem a ela e de todas as formas, é por esta razão que “antes, quando Lilita e Niña brincavam de jogar água uma na outra no banho, tomavam cuidado para que a água caísse só da cintura para baixo, porque, se o cabelo molhasse, ficava duro de novo” (Cárdenas, 2018, p. 15), ademais, Niña gosta de dizer “meu cabelo é bom! meu cabelo é liso” (Cárdenas, 2018, p. 16).

A identidade da avó, assim, é tão imbuída pelo racismo, que além dos xingamentos para com a aparência física, quando a neta menstrua pela primeira vez, a avó diz que “a partir desse momento, elas têm que manter os olhos bem abertos em cima de mim para eu não acabar grávida” (Cárdenas, 2018, p. 29). Ao expor essa preocupação travestida de preconceito, a personagem da avó apoia-se na concepção que a branquitude possui de que a suposta sexualidade afluída da mulher negra justificaria os horrores sexuais dos quais essas foram vítimas, especificamente porque as meninas negras são postas como “sexualmente ativas e sexualmente irresponsáveis desde a tenra idade” (Bueno, 2020, p. 113).

Por meio da sexualidade precoce atribuída às mulheres negras, a imagem de controle da Jezebel é utilizada pela branquitude para disseminar o discurso de que jovens negras teriam uma alta capacidade reprodutiva e, diante da impossibilidade de criar os filhos, os abandonaria. Alargando, dessa maneira, as desigualdades existentes no meio social, a exemplo da educação de baixa qualidade, da quantidade de jovens vivendo nas ruas e das condições precárias de subsistência (Collins 2019; Bueno, 2020). Entretanto, a jovem órfã ignora a promíscua sexualidade que lhe é associada e afirma que não concorda com isso, dado que “não acredita que por causa de um pouco de algodão que ponho entre as pernas eu vá acabar grávida” (Cárdenas, 2018, p. 29).

A personagem, diante dessa fala, mostra que as contantes agressões pelas quais passa, até mesmo físicas, resulta de uma mulher negra cuja identidade é constituída em meio a universo corporificado por concepções da branquitude, até mesmo as punitivas, como observa-se no trecho “[...] vovó me espancou como se fazia com os escravos” (Cárdenas, 2018, p. 27) e “[...] além disso estou de castigo. Só saio do meu quartinho para cozinhar” (Cárdenas, 2018, p. 27). A imagem da matriarca além de constituir a avó como uma mulher má, que demonstra falta de afeto para com a família, também assente

que ela adote a postura cruel e típica dos senhores de escravos, batendo em inocentes e cultivando neles a rebeldia e a violência (Collins, 2019).

Em oposição a tal comportamento, a órfã não calca a identidade na reprodução do comportamento da avó ou em uma rebeldia violenta, e sim, “sobrevive ao desrespeito cotidiano e aos ataques diretos inerentes às imagens de controle [...]” (Collins, 2019, p. 69) rebelando-se pelo silêncio que transforma as agressões em ação e descontinuidade de opressões até então ininterruptas. Ao utilizar-se de uma sabedoria que ignora tais agressões, a personagem demonstra um ser repleto de afetividade, a mesma que por muito tempo a branquitude insistiu que as mulheres negras não possuíam (Collins, 2019). Expondo que, descontinuar agressões parte de uma ação de dentro para fora, posto que a primeira resistência é consolidada pela afirmação de uma identidade imune à desumanidade e aos propósitos ardilosos do racismo.

Ademais, quando a identidade de uma mulher negra é moldada pelo racismo, como percebe-se no exemplo da personagem da avó, a vida é experienciada pelo olhar do Outro, o mesmo olhar ocidentalista que busca somente apontar disparidade entre brancos e negros, e jamais buscar o inverso (Hall, 2016). Ir contra tal lógica, é entender que o eu existe e precisa ser constituído pelo olhar subjetivo, aquele que favorece à construção das próprias convicções e que colabara para que as amarras da escravidão sejam realmente quebradas.

Considerações finais

A partir das análises aqui tecidas, evidencia-se que a mulher negra é atravessada ao longo da sua vida por inúmeras agressões e exposta à imagens de controle que moldam comportamentos em uma bidirecionalidade, isto é, ao mesmo tempo em que impedem a construção de uma identidade resistente às opressões do racismo, também consolidam desigualdade sociais e a culpa por tais desigualdades. Alimentando no meio social, tanto o desejo de exploração quanto o de subjugação.

Através das personagens também confirmamos que a identidade das mulheres negras, ao longo das gerações, vem passando por mudanças, uma vez que ao tomarem conhecimento de que o racismo age por diversas vias e busca insistentemente aniquilar as identidades, muitas são as mulheres que tentam ir contra artimanhas do racismo e constroem uma identidade desviante dos padrões negativos reproduzidos na sociedade.

À medida em que a identidade passa a ser construída a partir das próprias concepções e longe do olhar colonialista que renova a cada dia as imagens de controle (Collins, 2019), alcança-se o céu descrito pela personagem, isto é, um lugar singular, “onde ninguém maltrate as crianças, nem as obrigue a fazer coisas que não gostam. Um céu onde ninguém me chame de beicuda nem de feia e onde eu não me sinta sozinha” (Cárdenas, 2018, p. 55).

Referências

- BUENO, W. *Imagens de controle: um conceito do pensamento de Patrícia Hill Collins*. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020.
- CÁRDENAS, T. *Cartas para a Minha Mãe*. 2 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.
- CARDOSO, C. P.. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez. *Revista Estudos Feministas*, v. 22, n. 3, p. 965–986, 2014.
- COLLINS, P. *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness and the Politics of Empowerment*. New York: Routledge. 2019.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.
- EVARISTO, C. Da representação à auto apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. *Revista Palmares*, v. 1, p. 52-57, 2005. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2011/02/revista01.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2024.
- HALL, S. *Cultura e representação*. PUC - Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.
- HOOKS, B. *Olhares negros: raça e representação*. Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.
- HOOKS, B. *O feminismo é para todo mundo: política arrebatadoras*; tradução Bhuvi Libanio. – 24 ed. – Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2024.
- PENNYCOOK, A. Uma linguística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.
- SOUZA, Laura Olivieri Carneiro de. *Quilombos: identidade e história*. 1. Ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

Recebido em: 10/09/2024

Aceito em: 20/03/2025